

Pensar e conhecer – dois modos de se posicionar frente o mundo

Dra. Amnéris Maroni

[Citações feitas durante o fórum]

1) Conta-se que um renomado professor da Universidade de Tóquio procurou o mestre Nam-In para fazer perguntas sobre o Zen. Nam-In oferece-lhe um chá e, enquanto o prepara em silêncio, o professor discorre ininterruptamente sobre suas obras, realizações, títulos honoríficos, certezas. Pronto o chá, Nam-In verte-o na xícara do professor, enche a xícara, continua a vertê-lo derramando sobre a roupa do professor, que pergunta, surpreso:

Mas o que significa isso?

E Nam-In responde:

Quando a xícara está cheia, não cabe mais chá.

2) “A resposta é a desgraça da pergunta” (Maurice Blanchot)

3) Como dizem os hermeneutas: [...] ‘em toda experiência encontra-se pressuposta a estrutura da pergunta. Não se fazem experiências sem a atividade do perguntar’ (Gadamer, 1997, p. 534). Na essência da experiência está a abertura do “assim ou de outro modo” e, então, a pergunta. Ambas comportam a negatividade radical, explicitada pela pergunta, que se anuncia como um não-saber: ‘o saber que não se sabe’ (Gadamer, 1997, p. 534).

////////////////////////////////////

4) “ausência de pensamento não é estupidez; ela pode ser comum em pessoas muito inteligentes, e a causa disso não é um coração perverso; pode ser justo o oposto: é mais provável que a perversidade seja provocada pela ausência de pensamento. Seja como for, o assunto não pode ser deixado aos “especialistas”, como se o pensamento, à maneira da mais alta matemática, fosse monopólio de uma disciplina especializada”. (H. Arendt).

Arendt nos diz também que uma vida sem pensamento é possível, mas “ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos” (H. Arendt).



////////////////////////////////////

5)“Tivesse a experiência que agora tenho, daria maior relevo... à importância de se duvidar de que é necessário haver um pensador em razão de os pensamentos existirem. Para o devido entendimento da situação (...) é útil postular a existência de pensamentos sem nenhum pensador”... Não me é possível discutir aqui os problemas que isso envolve; preciso porém formulá-los para ulterior investigação.Existem pensamentos sem pensador. A noção de infinidade precede qualquer idéia sobre o finito. O finito é “resgatado do infinito escuro e amorfo”. Expressando isto de maneira mais concreta: a personalidade humana tem consciência da infinitude – o “sentimento oceânico”. Dá-se conta da limitação – presumivelmente em decorrência da experiência física e mental de si mesma e em razão do sentimento de frustração... Os pensamentos que não dispõem de um pensador ou adquirem um pensador, ou são por este adquiridos”... (W. R. Bion, Second Thoughts – Estudos psicanalíticos revisados, p.184).

////////////////////////////////////

“É conveniente encarar o pensar como uma atividade que depende do resultado satisfatório de dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro desenvolvimento é o dos pensamentos... O segundo desenvolvimento... é o desenvolvimento do aparelho que provisoriamente chamarei {atividade ou faculdade de pensar}.Repetindo: o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos.Cumpra notar que isso difere de qualquer teoria do pensamento como produto do pensar, na medida em que se considera o pensar um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário”... “Teoria do pensar”, p. 128.

6)“Identificamo-nos sempre com os pensamentos que nos assaltam, uma vez que nos consideramos seus autores. É interessante observar que são os pensamentos impossíveis que despertam em nós um sentimento de maior responsabilidade subjetiva. Se percebêssemos com mais acuidade como são severas as leis universais às quais deve submeter-se até mesmo a fantasia mais selvagem e arbitrária, talvez seríamos mais capazes de considerar tais pensamentos como fatos objetivos, como se fossem sonhos”. (CW 7, pr. 323)

Uma famosa passagem das suas Memórias (MSR) enuncia o mesmo problema de forma provocativa e imagética:



Filemon, da mesma forma que outros personagens da minha imaginação, trouxe-me o conhecimento decisivo de que existem na alma coisas que não são feitas pelo eu, mas que se fazem por si mesmas, possuindo vida própria. Filemon representava uma força que não era eu. Em imaginação, conversei com ele e disse-me coisas que eu não pensaria conscientemente. Percebi com clareza que era ele, e não eu, quem falava. Explicou-me que eu lidava com os pensamentos como se eu mesmo os tivesse criado; entretanto, segundo lhe parecia, eles possuem vida própria, como animais na floresta, homens numa sala ou pássaros no ar: “Quando vês homens numa sala, não pretendieras que os fizeste e que és responsável por eles”, ensinou-me. Foi assim que, pouco a pouco, me informou acerca da objetividade psíquica e da “realidade da alma”. (MSR, p. 162)

////////////////////////////////////

7)“Nietzsche pensa e se expressa enfaticamente na primeira pessoa do singular, embora tenha sido ele próprio quem descobriu no fundo do pensamento uma singular anonimidade. Ele considera o fato de podermos dizer “eu penso” uma sedução pela gramática. O predicado “pensar”, como todo predicado, exige um sujeito...Portanto, embora Nietzsche possa imaginar perfeitamente um pensamento sem um eu, não existe um filósofo – exceto talvez Montaigne – que tenha dito “eu” tantas vezes quanto ele”... (SAFRANSKI, R. Nietzsche. Biografia de uma tragédia, p. 21).

Rousseau relata o que lhe acontece (emocionalmente) quando ‘bate os olhos’ na questão proposta pela Academia de Dijon, nas Cartas à Malesherbes, de 12/1/1762. Obras Completas, volume 1, p. 1134/1135. Insisto que o que aí é relatado precede o primeiro grande escrito de Rousseau, qual seja, o “Primeiro Discurso”, o chamado Discurso sobre as Ciências e as Artes.

Diz Rousseau:... “Eu estava indo ao encontro de Diderot então prisioneiro à Vincennes; tinha no meu bolso o jornal Mercure de France e eu o folheei ao longo do caminho. Deparei-me com a questão da Academia de Dijon que deu lugar ao meu primeiro escrito. Inspiração súbita eis o movimento que se fez em mim enquanto lia; de repente eu senti o meu espírito deslumbrar-se com mil luzes; uma multidão de idéias vivas aí se apresentaram com uma força e uma confusão inexprimível; eu senti a minha cabeça tomada por um atordoamento semelhante à embriaguez. Uma violenta palpitação me oprime; excita meu peito, não podendo mais respirar caminhando, eu me deixo cair sob uma das árvores da alameda e aí passo uma meia hora em uma tal agitação que quando dela sai tinha minhas vestes molhadas de lágrimas sem ter sentido que as derramava. Oh Monsieur se eu pudesse ter escrito um quarto do que vivi e senti sob aquela árvore... com que clareza eu teria feito emergir todas as contradições do sistema social, com que força eu teria exposto os abusos de nossas instituições, com que



simplicidade eu teria demonstrado que o homem é bom naturalmente e que é em função das instituições que os homens se tornam maus. Tudo o que eu pude reter desta multidão de grandes verdades que durante um quarto de hora me iluminaram sob aquela árvore tem sido fracamente exposto nos meus três principais escritos: no Primeiro Discurso (sobre as ciências e as artes), no Discurso sobre a origem da desigualdade e no tratado sobre a Educação; três obras que são inseparáveis e que formam em conjunto um todo”...

No segundo diálogo/ 1773-74 (Rousseau juiz de Jean Jacques), Obras Completas, volume 1, p. 829, Rousseau assim se refere àquele momento, vivido entre Paris e Vincennes:

“Da viva efervescência que se fez então na sua alma saíram estas faíscas de gênio que temos visto brilhar nos seus escritos durante dez anos de delírio e de febre, cujos vestígios não tinham aparecido até então (...) Inflamado pela contemplação destes grandes objetos, ele os tinha sempre presentes no pensamento e comparava-os com o estado de coisas que ele via, agora sob uma relação toda nova para ele. Acalentando a ridícula esperança de fazer enfim triunfar dos pré-julgados e da mentira a razão, a verdade e de tornar os homens sábios ao lhes mostrar seu verdadeiro interesse, seu coração aquecido pela idéia de felicidade futura do gênero humano e pela honra de aí contribuir lhe ditou uma linguagem digna de uma tão grande empresa”...

Finalmente, Rousseau nas Confissões, no livro VIII/1769, na página 351, Obras Completas, afirma:

“No instante desta leitura (refere-se ao jornal) eu vi um outro universo e eu me tornei um outro homem”(...) “O que eu me lembro bem distintamente nesta ocasião é que chegando à Vincennes, eu estava tomado por uma agitação tal que beirava o delírio. Diderot disso se apercebeu e eu lhe disse a causa (...) Ele me incentivou a dar prosseguimento às minhas idéias e de concorrer ao prêmio. Eu o fiz e desde esse instante eu me perdi. Todo o resto de minha vida (e as infelicidades que vivi) foi o efeito inevitável deste instante de extravio”...

////////////////////////////////////

“O dia triunfal da minha vida” 8/3/1914.



Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, 13/01/1935.

Às vezes tenho idéias felizes

Às vezes tenho idéias felizes,

Idéias subitamente felizes, em idéias

E nas palavras em que naturalmente se despejam...

Depois de escrever, leio...

Por que escrevi isto?

Onde fui buscar isto?

De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu...

Seremos nós nesse mundo apenas canetas com tinta

Com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...

Álvaro de Campos

Merleau Ponty : "O olho e o espírito"



"A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las . Estabelece modelos internos delas e, operando sobre índices ou variáveis, as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o mundo real. Ela é, sempre foi, esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, esse parti pri de tratar todo ser como se ele nada fosse para nós e estivesse no entanto predestinado aos nossos artificios."

Ricardo Reis (428)

Deixemos, Lídia, a ciência que não põe
Mais flores do que Flora pelos campos,
Nem dá de Apolo ao carro
Outro curso que Apolo.

Contemplação estéril e longínqua
Das coisas próximas, deixemos que ela
Olhe até não ver nada
Com seus cansados olhos.

....